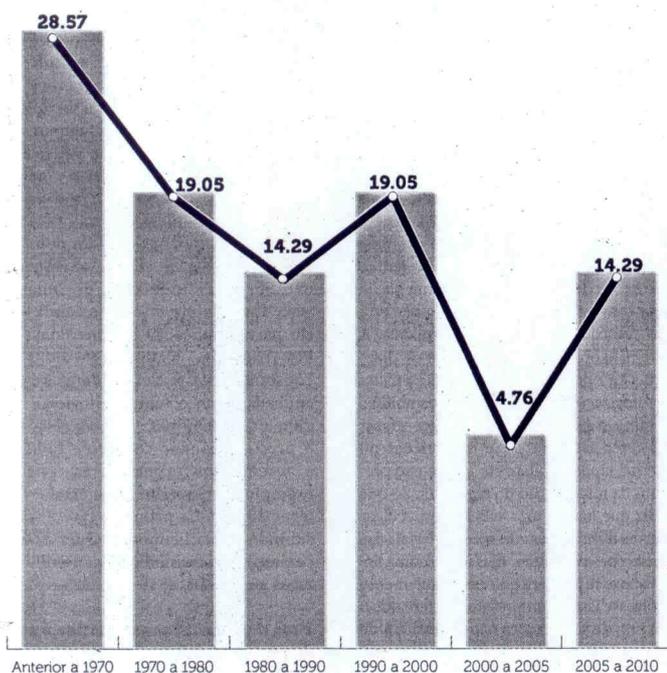


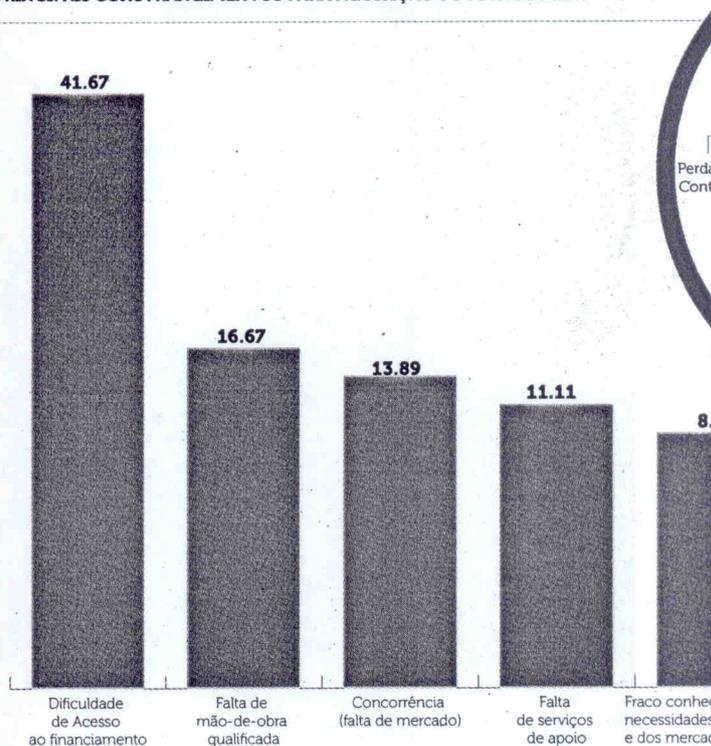
# Sector industrial em

As constatações saídas da Conferência sobre a Competitividade é satisfatória. Falta tudo o que é necessário para dinamizar o sector Regional, sob o risco da indústria moçambicana ser engolida pelas

MÉDIA DOS ANOS DE FABRICO DA TECNOLOGIA DAS EMPRESAS DA AIMO



PRINCIPAIS CONSTRANGIMENTOS PARA AQUISIÇÃO DE TECNOLOGIAS



Fonte: AIMO

Moçambique precisa de definir políticas transparentes para dinamizar a competitividade do sector industrial e responder positivamente aos desafios da Integração Regional. A constatação é do director executivo da Associação Industrial de Moçambique (AIMO), Elias Comé, que falava por ocasião da Conferência sobre a Competitividade Industrial, evento que teve lugar na passada quarta-feira, em Maputo, organizado pela AIMO.

Segundo o responsável, várias razões concorrem para a fraca prestação da indústria nacional, desde as "dificuldades de acesso à matéria-prima, dificuldades de acesso ao financiamento para a dinamização da actividade industrial, falta de mão-de-obra qualificada, dificuldades de acesso às novas tecnologias", até à "descredibilização

do sector industrial" por falta de políticas claras do Governo para promover a competitividade do sector da indústria.

Um estudo recentemente divulgado pela AIMO refere que "a ineficácia na exploração do mercado internacional da castanha de caju e as dificuldades recorrentes na exportação de mariscos para a Zona Euro constituem sintomas da ausência de um sistema funcional de credibilização."

Ainda sobre este assunto, o estudo revela que apesar das autoridades públicas com responsabilidade sobre o sector terem registado progressos assinaláveis nos últimos anos, os mesmos "ainda estão longe de estimular mudanças a favor de uma indústria credibilizada. Os serviços de credibilização de produtos e de processos escasseiam e os que existem são fornecidos a custos incom-

Os serviços de credibilização de produtos e de processos escasseiam e os que existem são fornecidos a custos incompatíveis para um tecido industrial dominado pelas PME

portáveis para um tecido industrial dominado pelas pequenas e médias empresas."

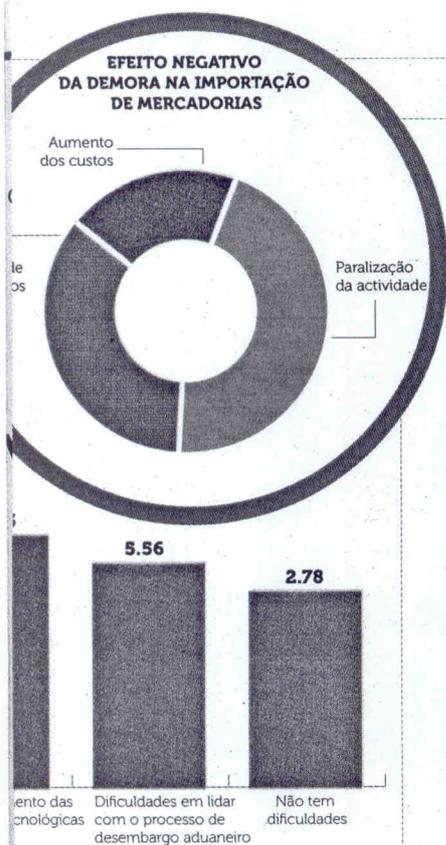
No entanto, para inverter a situação, a AIMO recomenda, no seu estudo, o apoio ao desenvolvimento do mercado de qualidade, através do estímulo para a entrada de operadores públicos e privados internacionais; investimentos acrescidos na formação engenheiros e cientistas, para aumentar a oferta doméstica de pessoal especializado para um sector industrial de boa qualidade; remoção de factores de ambiente de negócios que desencorajam o investimento; melhoria da qualidade, entre outros.

ENTRE OS PIORES DO MUNDO

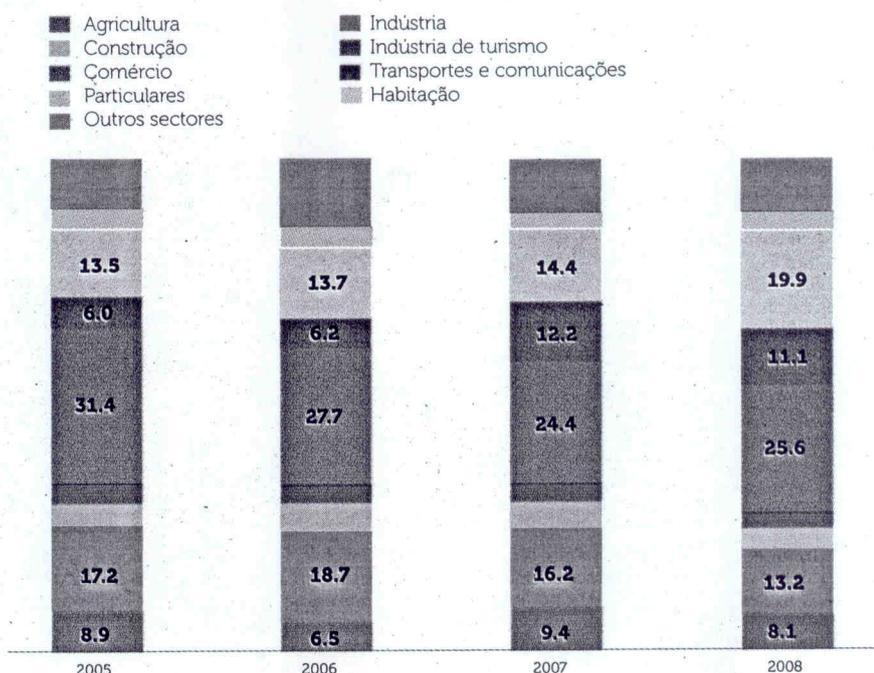
Em representação da Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) no encontro, Kekobad Patel lembrou

# risco de desaparecer

Industrial avançam que a situação actual da indústria nacional não é preciso encontrar soluções urgentemente, antes da Integração restantes



**DISTRIBUIÇÃO DO CRÉDITO À ECONOMIA POR SECTORES**



Infografia: Luís Bita (luisbita@sapo.pt)

que "um recente relatório feito pelo World Economic Forum, sobre a competitividade dos países, Moçambique está em 131º lugar, num universo de 139 países, isto é, estamos no fundo da tabela".

Para Patel, inverter esta situação "exige, fundamentalmente, um avanço mais acelerado nas reformas, medidas e políticas mais ajustadas à nossa realidade, e permitir que no processo de Integração Regional tenhamos um papel que nos interessa e podermos ser um *player* importante na região".

O representante da CTA diz ainda que "a manter-se esta falta de políticas claras e todos os constrangimentos que foram aqui alistados, certamente que na integração total que se vai verificar a partir de 2015, a pouca indústria que ainda temos a funcionar vai ser engolida".

"Na integração total que se vai verificar a partir de 2015, a pouca indústria que ainda temos a funcionar vai ser engolida", diz Kekobad Patel

## ACESSO À TECNOLOGIA

Um estudo desenvolvido pela AIMO indica que, em Moçambique, a utilização de novas tecnologias é ainda muito baixa. A pesquisa, realizada em 21 empresas membros da AIMO, evidenciou que mais de 62% das mesmas utilizam, no seu processo produtivo, tecnologias fabricadas antes dos anos 90.

Por seu turno, as empresas destacam que os principais factores que dificultam o acesso a novas tecnologias são os constrangimentos de acesso ao financiamento para a sua aquisição; falta de mão-de-obra qualificada para operar com as novas tecnologias, o que obriga a recorrer a avultados investimentos adicionais para a formação de mão-de-obra; dificuldades em lidar com os procedimentos aduaneiros para o seu desembaraço, entre outros.

Ao mesmo tempo, a capacidade de inovação para o sector industrial é das mais fracas. Por exemplo, em 2006, havia em todo o país apenas 26 investigadores, a tempo inteiro, para as áreas de engenharia e tecnologias. Naquele ano, a produção de trabalhos científicos nesta área registou uma paragem.

## SECTOR MENOS FAVORECIDO

Moçambique tem vindo a notabilizar-se na recepção de fluxos de investimento estrangeiro. No período entre 2005 e 2009, foram aprovados projectos de Investimento Directo Estrangeiro no valor de 8,165 milhões de dólares. Desse montante, o sector da indústria foi dos que menos beneficiaram da medida, com apenas 4%.

■ Celso Chamisso